
A CONFORMAÇÃO DA REALIDADE EM ADORNO: FRATURA CONTRA ORDEM

REALITY'S CONFIGURATION IN ADORNO: FRACTURE AGAINST ORDER

Rafael Reis Pombo

Resumo

Este artigo pretende mostrar como a filosofia de Adorno se distingue da tradição com sua concepção de realidade e com a proposição de uma nova relação entre pensamento e realidade. Essas diferenças resultarão nas críticas adornianas à autofundamentação do sujeito e ao princípio da identidade, noções sustentadas pela filosofia tradicional. Com isso, a contradição começa a assumir um novo estatuto no projeto filosófico de Adorno.

Palavras-chave

Epistemologia; realidade; contradição; identidade.

Abstract

This article aims to show how Adorno's philosophy differs from the tradition with its conception of reality and with the proposition of a new relationship between thought and reality. These differences will result in Adornian critical to subject's self-foundation and to principle of identity, notions sustained by traditional philosophy. Thus, the contradiction assumes a new status in Adorno's philosophical project.

Keywords

Epistemology; reality; contradiction; identity.

1. O pensamento e seu outro

Para Adorno, “o conhecimento vive do relacionamento com o que ele mesmo não é, com o seu outro” (ADORNO, 1994a, p. 54). Para haver conhecimento, o pensamento precisa se envolver com tudo aquilo que é diferente dele mesmo e que a ele opõe resistência: a realidade. A marca distintiva da filosofia adorniana é a sua abertura corajosa à experiência do real. Diferentemente da filosofia tradicional, portanto, “a filosofia de Adorno tem seu princípio fora de si mesma, porque nasce como resposta ao exterior, surge de uma experiência da realidade e se constitui como expressão e resposta a essa experiência” (TAFALLA, 2003, p. 67, tradução nossa). Por um lado, a velha filosofia se estabeleceu como pensamento que se sustenta sobre um fundamento antes de qualquer outra coisa e só depois se lança à experiência, como conhecimento que assume sua forma e a partir desta trabalha com seus conteúdos. E, por outro lado, Adorno, como ele próprio afirma,

só desenvolve aquilo que, de acordo com a concepção dominante de filosofia, seria o fundamento depois de ter exposto longa e minuciosamente muito do que é assumido por essa concepção como erigido sobre um fundamento. Isso implica uma crítica tanto ao conceito de fundamento quanto ao primado do pensamento do conteúdo (ADORNO, 2009, p. 7).

Adorno recusa toda forma de pensamento alheia àquilo que pensa, sem se desvencilhar da tradição filosófica. Suas obras refletem as consequências dessa mudança no ponto de partida para a filosofia, mudança que faz do projeto adorniano um novo modelo filosófico. As marcas da realidade aparecem sempre, não importa qual seja o tema abordado, surgindo como elementos da configuração social, da vivência dos indivíduos concretos. E como deve haver uma aproximação necessária entre a teoria e a realidade, a configuração que Adorno confere a seu projeto filosófico rompe desde o seu ponto de partida com a tradição filosófica, recusando-a. A filosofia não tem a necessidade de estabelecer um fundamento e construir-se a partir dele. Pode simplesmente resultar do envolvimento do pensamento com o seu outro, do confronto dele com o mundo.

Os conteúdos, na nova filosofia, não são meros conteúdos, alheios ao pensamento que os aborda. Eles o determinam e lhe dão impulso e, por isso, não há a necessidade de um fundamento, algo sobre o que se apoiar. A filosofia adorniana não se

debruça sobre a realidade, e sim mergulha nela, denunciando o paradoxo da profundidade do pensamento, segundo a concepção da velha filosofia: “o pensamento é profundo por se aprofundar em seu objeto, e não pela profundidade com que é capaz de reduzi-lo a outra coisa” (ADORNO, 2003, p. 27). Por isso, antes de dizer o que é o pensamento e de onde ele deve partir, bem como antes de afirmar qualquer coisa sobre a realidade, Adorno lança sua filosofia contra a realidade. Só assim consegue entrever verdadeiramente algo da conformação desta.

2. Exemplos da contradição na realidade

No contato com a realidade, o pensamento descobre que ela é contraditória. E essa contradição será apresentada às claras na filosofia adorniana. Não há nenhuma tentativa de ocultar a condição contraditória do real, que transparece em vários âmbitos da sociedade. Pelo contrário, busca-se mostrá-la assim como ela aparece ao pensamento que se abre à experiência. Assim, para Adorno, “a razão burguesa (a razão envolvida na produção e reprodução da sociedade burguesa), ao combater de modo irrefletido o mito, acaba convertendo-se ela própria em mito, sem, no entanto, deixar de apresentar-se como razão” (COHN, 1994, p. 15). As separações entre dois momentos distintos de uma questão acabam se mostrando como resultado de uma operação precipitada, pois uma consideração mais detida vai revelar que esses dois momentos se interpenetram e dependem um do outro. O mesmo ocorre nas considerações adornianas sobre sujeito e objeto. De acordo com elas,

a separação entre sujeito e objeto é real e aparente: verdadeira, porque no domínio do conhecimento da separação real consegue sempre expressar o cindido da condição humana, algo que surgiu pela força; falsa, porque a separação que veio a ocorrer não pode ser hipostasiada nem transformada em invariante (ADORNO, 1995, p. 182-183).

A oposição entre pares de conceitos é o alvo de Adorno e também uma das formas de apresentar a realidade como contraditória, procedimento que ele herdou da tradição dialética, porém não sem alguma alteração. Adorno quer mostrar que não há oposição absoluta, ou seja, que os elementos da realidade aos quais esses conceitos se referem não deixam de se comunicar de diversas maneiras. A relação é bem mais de imbricação comum, interpenetração, mútua determinação e participação de um

elemento no seu oposto. Isso faz desaparecer o que é exclusivo a um elemento e, ao mesmo tempo, traz para dentro dele algo do elemento oposto.

Outra forma de mostrar a contradição na realidade é reconhecer uma situação social enquanto verdadeira e falsa simultaneamente, como, por exemplo, quando se percebe que “o isolamento do pensador em época hostil à reflexão é tão real quanto ilusório, tal como a sociedade em que se dá” (COHN, 1994, p. 25). Ou apresentar dois elementos opostos dentro de uma mesma situação, que acabam configurando de forma específica esse elemento: “contradições como aquela entre o conteúdo social das obras e a função que acabam por cumprir determinam a fisionomia contemporânea da música” (ADORNO, 1983, p. 260). Um elemento carrega consigo a contradição que o produz, e a reflete no momento em que o pensamento se choca com ele.

A música, segundo Adorno, está repleta de contradições em sua configuração social atual. Tanto a música de uma forma geral quanto a música de vanguarda, em específico, são associadas por ele ao conhecimento. O ouvinte, quando se põe a ouvir uma obra musical, pode exercitar suas capacidades cognitivas. Porém, a música produzida pela indústria cultural e por ela veiculada dissocia-se do conhecimento, bem como do esforço que lhe é necessário, para ser associada ao lazer, à diversão, ao entretenimento, que não devem representar nenhuma dificuldade para o ouvinte. Mas a ausência de esforço para a compreensão do repertório musical da indústria cultural gera apenas uma aparência de descanso, que deveria se alternar ao cansaço advindo do trabalho.

A música, como setor do lazer organizado, iguala-se àquilo de que, por seu sentido, deveria divergir: este é o seu prognóstico sociológico. A contradição consigo mesma, em que se emaranha, mostra que é ilusória a integração de produção, reprodução e consumo que se está esboçando (ADORNO, 1983, p. 268).

Ou seja, a música, integrada como está à produção da indústria cultural, deixa de ser cultura ao passar à esfera do trabalho e da indústria. Os músicos são os funcionários dessa indústria e os ouvintes são os consumidores dos seus produtos. E até aqueles que dizem se contrapor a essa configuração social dependem dela para veicular a sua música. “Mesmo a música divergente só subsiste economicamente e assim socialmente através da proteção da indústria cultural, à qual se opõe – uma das contradições mais flagrantes da situação social da música” (ADORNO, 1983, p. 268).

3. Contradição na realidade e no pensamento

A contradição não está apenas no pensamento, ou na relação entre o pensamento e a realidade, mas é também uma condição da própria realidade. Adorno diz que “o texto que a filosofia tem de ler é incompleto, contraditório e fragmentário, e grande parte dele pode estar à mercê de cegos demônios” (ADORNO, 1991, p. 88, tradução nossa). Por isso, as contradições da realidade não se resolvem com a superação das contradições internas ao pensamento. A filosofia deve acompanhar as contradições que configuram a realidade, sem a pretensão de poder resolvê-las apenas desenvolvendo o pensamento, porque a própria realidade contraditória obriga o pensamento a comportar-se dessa maneira. Então, “compor a contradição não corresponde à reflexão; impõe-se pela própria constituição do real” (ADORNO, 1969, p. 8, tradução nossa).

As contradições sociais não se resolverão apenas se os filósofos conseguirem resolver os seus problemas teóricos. Isso nos mostra a própria história da filosofia: os sistemas filosóficos se sucedem e os problemas sociais persistem. A mais flagrante contradição apontada por Adorno é aquela entre o todo social e o indivíduo singular, pois a sociedade atual enquanto totalidade permite e ameaça, ao mesmo tempo, a existência dos indivíduos que a compõem. Tal problema é próprio da configuração contraditória da realidade, pois, para o filósofo, a totalidade social é antagônica por sua própria constituição. Segundo ele,

[...] o objeto mesmo da sociologia, a sociedade, que mantém viva a si própria e a seus membros e simultaneamente os ameaça de extinção, é um problema no sentido enfático. Isso significa, todavia, que os problemas da sociologia nem sempre surgem da constatação “de que algo no nosso pretense saber não está em ordem, ... no desenvolvimento de uma contradição interna no nosso pretense saber”. A contradição não precisa ser, como Popper aqui pelo menos supõe, uma contradição meramente “aparente” entre sujeito e objeto, que seria imputada somente ao sujeito como insuficiência de julgamento. Ao invés disso, a contradição pode ter seu lugar de modo mais real no objeto e de modo algum se deixar retirar do mundo por força de um aumento do conhecimento ou de uma formulação mais clara (ADORNO, 1994a, p. 49).

O ponto de partida da filosofia de Adorno, a abertura do pensamento ao desafio de se envolver com a realidade desconhecida, o leva a considerá-la como heterogênea e contraditória. E, como consequência disso, o pensamento não conseguirá por si só resolver essas contradições, pois ele não se prefigura uma situação harmônica segundo a qual pode corrigir as suas contradições internas e, a partir da resolução destas, resolver as contradições do real. A condição da realidade social não é perfeita e tampouco pronta

e definitiva. Os momentos que a compõem são de transição, revelando contradições entre o que eles são atualmente e as suas possibilidades.

Assim, o projeto filosófico adorniano vai de encontro à tradição filosófica, que trata a realidade pelas vias da abstração. Esse procedimento restrito ao pensamento não pode mais ser absolutizado caso se pretenda rever o modo de abordar o real, que deve se comprometer com os momentos concretos e singulares, denunciando a contradição constituinte do real. Segundo Silva (1995, p. 171), “a teoria crítica adorniana é diferente da concepção tradicional de teoria porque naquela o conhecimento é sempre mediado pela *contradição* [...]”. Esta deve mover o pensamento, e não ser eliminada teoricamente por ele.

4. O real não é racional

Como, para Adorno, a realidade é contraditória, ela perde o estatuto de conformação ordenada, harmônica e racional que a filosofia tradicional lhe conferia. O princípio da filosofia adorniana se choca, aqui, com algo estabelecido pela velha filosofia, daí o seu interesse pelo “que outros pensadores haviam dito e pensado sobre o mundo e sobre seu sentido ou sua carência de sentido” (HORKHEIMER, 1973, p. 219, tradução nossa). O mundo não possui, por si só, um sentido. E o que a velha filosofia sustenta, de uma ou de outra forma, é que o real possui uma ordem, acessível ao pensamento, congruente com ele, ou até mesmo uma ordem racional.

Para Adorno, “uma filosofia que aspire a conhecer o real deve assumir que o real não é puramente racional, que não encaixa perfeitamente em categorias racionais; o real é, pelo contrário, o que a razão não esgota, o que se lhe escapa, o imprevisível, o que sempre pode surpreendê-la” (TAFALLA, 2003, p. 70, tradução nossa). A conformação contraditória da realidade requer uma nova forma de fazer filosofia, que consiga acompanhar as fraturas do real, e que não se contente em aplainá-las. Quando pensa eliminar teoricamente as contradições, a filosofia tradicional não se dá conta de que elas permanecem na realidade, agora justificadas pelo pensamento.

A nova filosofia de Adorno e a velha filosofia têm em comum a compatibilização do discurso filosófico com a conformação da realidade. Mas o que a filosofia dominante faz é prejudicar a ordem da realidade e conformá-la ao pensamento ordenado. O pensamento lógico, com suas regras estabelecidas antes do seu

envolvimento com os conteúdos, serve de modelo para uma prefiguração da realidade antes do contato com ela. Isto é, “tomar o princípio de não contradição, a coerência e a clareza como os ideais do conhecimento implica ter decidido de antemão que o real responde a tais ideais racionais, quando isso é algo que só poderia ser comprovado na experiência. E a experiência mostra o contrário” (TAFALLA, 2003, p. 73, tradução nossa). Se a filosofia tradicional exige que o pensamento acompanhe a realidade e se comporte de forma ordenada, é porque já toma essa realidade como uma estrutura harmônica. Porém, ignora que

a exigência de continuidade na condução do pensamento tende a prejudicar a coerência do objeto, sua harmonia própria. A exposição continuada estaria em contradição com o caráter antagônico da coisa, enquanto não determinasse a continuidade como sendo, ao mesmo tempo, uma descontinuidade (ADORNO, 2003, p. 34).

Por outro lado, se a nova filosofia resulta de um pensamento que, antes de tudo mais, abre-se à experiência da realidade, acaba percebendo que essa realidade é em si mesma contraditória. E, ao mesmo tempo, sabendo que o pensamento possui uma ordem lógica, coloca-se a necessidade de assimilar a própria contradição. Ou seja, o pensamento não pode ser meramente pensamento lógico ao se relacionar com o real.

Interessante é notar que Adorno exige a adaptação do pensamento à coisa pensada para corrigir a adaptação forçada da coisa pensada ao pensamento, que a fez assumir uma ordem racional própria a este. Com isso, podemos perceber algo em comum entre a nova filosofia e a velha filosofia: a necessidade de congruência entre o pensamento e a realidade. A diferença reside na direção do movimento que institui essa congruência. Para Adorno, o movimento do pensamento em direção à realidade, realizado pela tradição, deve ser invertido. Com essa inversão, o pensamento é que terá que alterar a sua configuração para acompanhar a realidade. A própria experiência da realidade bloqueia a possibilidade de reconhecer algum traço racional nela e somente um pensamento que se nega a essa experiência poderia considerá-la como tal.

5. Crítica à autofundamentação do sujeito

Na filosofia tradicional, o sujeito se fundamenta em si mesmo e, a partir disso, preestabelece a harmonia da realidade, antes de se confrontar com ela. O pensamento se estabelece a si mesmo como princípio, e só depois vai se encontrar com a realidade, que

já estava prefigurada como ordenada. A mesma estrutura que possui o espírito é imputada à realidade, antes mesmo do contato com esta. O ponto de partida da nova filosofia, a abertura ao real, vai de encontro a isso. “A filosofia adorniana não tem seu princípio em um princípio, não se trata de um pensamento que comece a partir de si mesmo, autofundamentando-se em teses positivas que sustentam toda a construção” (TAFALLA, 2003, p. 67, tradução nossa). Ela começa já quando se relaciona com o que lhe é exterior. Isso quer dizer que, na nova filosofia, é reconhecida a anterioridade da realidade com relação ao pensamento.

Aquilo que Adorno diz da filosofia benjaminiana lhe pode igualmente ser atribuído: “desde os primórdios, o seu pensamento se revolta contra a mentira de que o homem e o espírito humano se fundamentam em si mesmos, e que neles e deles se origina um absoluto” (ADORNO, 1994b, p. 194). Sobre essa mentira se erigiram os projetos filosóficos da tradição. Neles, o pensamento é colocado como origem de tudo, e mesmo a realidade e sua conformação harmônica serão afirmadas de acordo com isso. Adorno reconhece na velha filosofia uma inversão entre o originário e aquilo que se origina dele, uma “tentativa de justificar o condicionado como se fosse incondicionado, o derivado como primário” (ADORNO, 1995, p. 185).

A própria noção de sujeito passa por essa inversão entre originário e originado na velha filosofia: o pensamento, o *cogito*, dá origem até mesmo ao sujeito empírico. A filosofia dominante considera que este “não é o primeiro em si, e postula, como sua condição ou sua origem, o sujeito transcendental” (ADORNO, 1995, p. 185). Adorno diz que,

na teoria do conhecimento, entende-se geralmente por *sujeito* o mesmo que sujeito transcendental. [...] Não foi preciso esperar pela crítica ao idealismo para se descobrir que este sujeito transcendental, constitutivo de toda experiência de conteúdo, é, por sua vez, abstração do homem vivo e individual. É evidente que o conceito abstrato de sujeito transcendental – as formas do pensamento, a unidade destas e a produtividade originária da consciência – pressupõe o que promete instituir: indivíduos viventes, indivíduos de fato (ADORNO, 1995, p. 184-185).

Pela inversão entre originário e originado, a velha filosofia coloca o pensamento como seu fundamento e, por isso, estabelece que o real é ordenado. Essa consequência é contradita pelo ponto de partida da nova filosofia adorniana, ao que esta se entrega ao real sem reservas e em primeiro lugar. Ao se comportar dessa maneira, o projeto filosófico adorniano nega a construção típica da filosofia tradicional. Gera, também, uma diferença na relação do pensamento com o pensado: o pensamento se deixa

determinar por aquilo que é pensado; não há constrangimento do sujeito sobre o objeto, mas uma forma mais justa de pensá-lo. Na velha filosofia não há esse cuidado: o sujeito se fundamenta em si mesmo, não depende de nada alheio a si. Pelo contrário, ele é absoluto, e pode dispor do real como bem lhe aprouver. Assim, “o espírito usurpa então o lugar do absolutamente subsistente em si, que ele não é: na pretensão de sua independência anuncia-se o senhoril” (ADORNO, 1995, p. 183). Eis a justificação da dominação, no âmbito da epistemologia.

6. Crítica à identidade

Por “identidade” Adorno entende a violenta transformação do real promovida pela filosofia tradicional quando o preconcebe segundo os parâmetros do pensamento lógico. A realidade é forçada a se enquadrar numa harmonia falsa a despeito de ser acompanhada pelo pensamento ordenado, quando este busca conhecê-la. Mas esta forma de pensamento não quer conhecer a realidade, quer reconhecer a sua própria ordem na realidade, para satisfazer a sua pretensão de conhecer tudo. Adorno recusa essa postura:

Sua resposta é um “não”, uma denúncia, uma crítica. O “não” com o qual começa sua filosofia dirige-se contra o princípio que, de acordo com a descoberta de Adorno, está estruturando praticamente todos os processos racionais que têm lugar tanto na filosofia quanto nos distintos âmbitos da cultura e que, ao mesmo tempo, representa a vértebra da própria estrutura social: o princípio de identidade. Assim então, a filosofia adorniana não se autofundamenta em um princípio positivo, mas surge como negação de um princípio que encontra fora de si (TAFALLA, 2003, p. 67-68, tradução nossa).

O princípio de identidade procura extirpar toda diferença e contradição que apareça na realidade. O objeto do conhecimento é idêntico ao sujeito e todos os indivíduos são idênticos entre si perante a totalidade social. A nova filosofia não admite tal agressão à realidade. Antes, procura enredar-se nela e em todas as suas contradições e nuances. Com isso rechaça os procedimentos da velha filosofia, anuncia que eles são historicamente ultrapassados e socialmente ameaçadores, mesmo considerando que a eliminação de todos os resquícios de contradição seja impossível na realidade. Ainda assim, o princípio de identidade se manifesta na organização dos sistemas filosóficos, na produção dos conceitos, na exclusão da materialidade e do transitório como parte do conhecimento, na submissão dos sujeitos à totalidade social, sempre como forma da dominação.

A nova filosofia tenta escapar a esse ofuscamento da condição da realidade com o simples gesto de permitir a ela que apareça exatamente como é: plena de contradições e palco do diferente que não se deixa eliminar totalmente. O projeto filosófico adorniano é o pensamento que se permite experimentar isso. O ponto de partida da filosofia de Adorno se coloca contra a identidade, estabelecida pela filosofia tradicional, entre sujeito e objeto. O real não é forçado a se identificar com o racional, o objeto não precisa se conformar como o sujeito, até porque é anterior a este. O sujeito é que precisa se aproximar do real, percebendo as suas contradições e tentando superá-las de uma forma concreta e não apenas teórica.

Referências

- ADORNO, Theodor W. La actualidad de la filosofía. [1932] In: _____. *Actualidad de la filosofía*. Traducción de José Luis Arantegui Tamayo. Barcelona: Paidós; I.C.E. de La Universidad Autónoma de Barcelona, 1991. p. 73-102.
- _____. O ensaio como forma. [1954-1958] In: _____. *Notas de literatura I*. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003. p. 15-45. (Espírito Crítico)
- _____. Idéias para a sociologia da música. [1959] In: _____. et al. *Textos escolhidos*. 2. ed. Tradução de Roberto Schwarz. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 259-268. (Os Pensadores, 48)
- _____. Sobre a lógica das ciências sociais. [1961] In: COHN, Gabriel (Org.). *Theodor W. Adorno: sociologia*. 2. ed. Tradução de Aldo Onesti. São Paulo: Ática, 1994a. p. 46-61. (Grandes Cientistas Sociais, 54)
- _____. Intervenciones. [1962] In: _____. *Intervenciones: nueve modelos de crítica*. Traducción de Roberto J. Vernengo. Caracas: Monte Ávila, 1969. p. 7-8.
- _____. Caracterização de Walter Benjamin. [1963] In: COHN, Gabriel (Org.). *Theodor W. Adorno: sociologia*. 2. ed. Tradução de Flávio Kothe. São Paulo: Ática, 1994b. p. 188-200. (Grandes Cientistas Sociais, 54)
- _____. *Dialética negativa*. [1966] Tradução de Marco Antonio Casanova. Revisão de Eduardo Soares Neves Silva. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. 352 p.
- _____. Sobre sujeito e objeto. [1969] In: _____. *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 181-201.

COHN, Gabriel. Adorno e a teoria crítica da sociedade. In: _____. *Theodor W. Adorno: sociologia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994. p. 7-30. (Grandes Cientistas Sociais, 54)

HORKHEIMER, Max. Conversación sobre Adorno. In: _____. *Teoría crítica*. Traducción de Juan J. Del Solar B. Barcelona: Barral, 1973. p. 219-224. (Entrevista realizada em 8 de agosto de 1969, registrada por Bernhard Landau e depois transcrita. O título original é *Para a morte de Adorno*.)

SILVA, Rafael Cordeiro. A concepção de filosofia em Adorno. *Educação e filosofia*, Uberlândia, v. 9, n. 17, p. 157-172, jan./jun. 1995.

TAFALLA, Marta. *Theodor W. Adorno: una filosofía de la memoria*. Barcelona: Herder, 2003. 302 p.